FONTE 1

(com a destruição do Paraguai) “Um dos problemas capitais da burguesia comercial anglo-brasileira que controla o comércio interno e externo do Império está por ser resolvido: a unificação do mercado interno e o livre acesso a todas as partes. A zona Oeste e Sudoeste do Império, desde o Estado do Rio Grande até o Mato Grosso e Paraná, depende dos rios do sistema do Prata para sua integração no mercado mundial. Por essas correntes fluviais deve passar inexoravelmente até que as estradas de ferro apareçam a produção dessas regiões brasileiras em direção aos mercados ultramarinos; por essas mesmas vias entram as manufaturas européias que são consumidas pela então longínqua zona Oeste e Sudoeste do Império. O Paraguai constituirá um obstáculo na medida em que é dirigido por governos ciumentos de sua soberania e dignidade nacional [...] Não é uma conclusão exagerada admitir que o grande e definitivo beneficiário da guerra é o capitalismo inglês, que não apenas reforça as cadeias douradas com as quais submete o Brasil, através de uma dívida que continua crescendo assustadoramente, como também garante o livre acesso ao Mato Grosso e outras zonas do Império, o que lhe garante novas possibilidades mercantis.”

POMER, Leon, A Guerra do Paraguai, a grande tragédia rioplatense. São Paulo, Global, s.d. P. 75.

FONTE 2

“O Paraguai, com a morte do Dr. Francia, ‘El Supremo’, passara à presidência de Carlos Antonio Lopez, cujo filho, Francisco Solano Lopez, em 1855 fora em missão à França. Jovem, ambicioso, inteligente, o 2º Lopez voltou imbuído das idéias francesas quanto à organização militar, ao esplendor do governo pessoal, ao espírito napoleônico. Nomeado ministro da Guerra de seu pai, tratou de criar no seu país um exército formidável. Morreu o velho Lopez em 1862 e herdou-lhe o governo o filho, como ditador e marechal da nação paraguaia. Corporificou o sonho grandioso. Já no governo do primeiro Lopez, uma missão de oficiais brasileiros de artilharia instruíra os oficiais paraguaios; o novo presidente convocou engenheiros e técnicos de várias procedências, aparelhou as fortalezas de Humaitá, Curuzu e Curupaiti, que tornavam impossível a subida do rio Paraguai para Assunção, organizou uma frota fluvial de oito vapores modernos, montou ótimas oficinas metalúrgicas para fundição de canhões e fabrico de armamentos, na previsão de um bloqueio que isolasse a República... Talvez na América do Sul, depois da fundição de Ponta de Areia, no Rio, não houvesse outras comparáveis às de Ibicuí e do Arsenal de Assunção. O paraguai achava-se pronto para a guerra - a sua grande aventura - quando o Uruguai, em 1864, mais uma vez suscitou a interferência brasileira. Foi o pretexto.”

CALMON, Pedro. História da civilização brasileira. Senado Federal, Conselho editorial. 2002.

FONTE 3

"A região vivia assim a experiência de construção de uma nova ordem política após as independências. Além de disputa entre os Estados recém-independentes para impor uma única soberania rio platense, na área do Prata desenharam-se conflitos internos, justificados pelas diferentes tendências dos governos envolvidos no litígio.

[...]Há quem diga que a origem da guerra estaria condicionada à ambição desmedida de López e a seu caráter autoritário. Mais personalista, tal versão insiste em acusar o presidente paraguaio, sua política fraudulenta e a aversão que d. Pedro II teria ao seu perfil de caudilho. Há também quem explique o conflito a partir da política imperialista inglesa. Ciosa em manter sua influência financeira no local, a Inglaterra teria se imiscuído na guerra, forjando oposições e selando amizades. A seguir tal interpretação, López seria um paladino anti-imperialista, isolacionista, defensor de um modelo mais autônomo e vítima dessa conspiração internacional. Existe uma terceira interpretação, mais atenta aos diferentes processos de formação nacional por que passavam os países envolvidos e aos interesses geopolíticos e econômicos da região platina. Para o Brasil era importante garantir a navegação dos rios Paraná e Paraguai, pois através deles a província de Mato Grosso mantinha contatos com o resto do país e assegurava o controle do comércio na região do Prata. Quanto à argentina, apesar de sufocadas as intenções expansionistas, ainda era patente sua disposição em anexar territórios vizinhos e ampliar sua esfera de interesses. Já do lado de López, reconhecida a autonomia do país e contidos os ímpetos argentinos, afloraram divergências em torno da navegação dos rios e das fronteiras. Isso sem falar das velha desconfianças que pairavam sobre o Brasil, esse gigantesco Império escravocrata, diante das pequenas repúblicas sul-americanas, assustadas com possíveis imperialismos. Assim, além dos motivos imediatos e das provocações de parte a parte, a região mais parecia um

grande caldeirão de água quente, prestes a transbordar, como por sinal, transbordou. “

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Brasil: Uma Biografia. 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 2015. p. 293-294.

	Lilia M. Schwarcz - *Brasil: Uma biografia*	Leon Pomer - *A Guerra do Paraguai - A grande tragédia rioplatense.*	Pedro Calmon - *História da civilização brasileira*
Participação do Brasil no conflito.			
Participação do Paraguai no conflito.			
Participação da Inglaterra no conflito.			

Resumo da explicação sobre o início da guerra:			